

PT no dia *Eleição Presidencial* seguinte

Leonel Brizola tem dito que não é oportuno nem seria eficiente que a oposição começasse, agora, a abrir suas aflições com o futuro. De um modo geral, à exceção de gente como Ciro Gomes e Roberto Freire – que já entrou na disputa eleitoral com a cabeça e o discurso voltados para a organização da centro-esquerda num campo efetivamente alternativo à hegemonia da centro-direita –, as lideranças pensantes da esquerda concordam com Brizola.

Quando convidados ao debate do *day after*, políticos de pensamento estratégico bem fundado na realidade e que há muito abandonaram a lógica do slogan – como Tarso Genro, Cristovam Buarque, José Genoíno, Luiz Gushiken, ou Antônio Palocci (presidente do PT paulista) – pedem um tempo até depois das eleições. Não se pode lhes tirar a razão, já que por mais que a cruel realidade de um desempenho frustrante tenha mostrado que os apelos à razão que há muito faziam estavam mais do que corretos, no calor da campanha só os suicidas e os tolos jogam toalhas ao chão.

Como nenhum dos citados se enquadra nessas duas categorias, a manutenção da expectativa da vitória, ainda que meramente formal, é pré-requisito de campanha. Mesmo assim já é possível recolher aqui e ali em conversas de concepção apenas teórica o sentimento unânime de que no dia seguinte à eleição essa discussão a respeito do futuro da esquerda no Brasil estará posta à mesa.

Talvez não com tanta rapidez quanto o debate que se dará dentro do PT, este sim considerado urgente e inadiável. Ainda que não se entre em detalhes, a avaliação geral é a de que a campanha de agora definitivamente representou o fim de uma era no partido.

Luiz Inácio Lula da Silva não poderá enfrentar uma quarta disputa presidencial (seria a quinta majoritária, se contarmos a que perdeu para o governo de São Paulo) nem o PT terá mais condições de se apresentar à sociedade com o mesmo discurso cuja ineficiência só não reconhecem os que não enxergam a evidência de tantos erros, baseados em apostas equivocadas.

Na eleição passada, foi a aposta no fracasso do Real, nesta agora a aposta no agravamento da crise. Por mais que o PT insista na tese de que não joga no quanto pior melhor, o comportamento de todas as lideranças passa uma imagem exatamente oposta. Para piorar, as pesquisas ainda mostram que quanto mais grave a situação, maior a percepção das pessoas de que Fernando Henrique deve continuar.

Essa campanha mostrou ao PT a necessidade de refazer seu diálogo com a sociedade brasileira

Ou seja, quanto mais se mexe, mais as coisas dão errado para o PT. Há um esgotamento total de modelo e a exaustão dos espíritos está evidente.

Há a convicção de que, passada a eleição, é preciso refazer o diálogo com a sociedade. Antes disso, porém, o partido terá de ajustar seu ambiente interno. Alguns defendem que o racha é inevitável, mas outros acreditam que não. Essa ala considera que apenas as correntes mais radicalizadas, com dificuldade de compreender que o mundo e o Brasil moveram-se nos últimos 20 anos, podem sair. E abrigarem-se, por exemplo, no PSTU. Que, ao expor com nitidez suas idéias nessa campanha, pode facilitar a vida do PT nesse aspecto, pois se tornaria estuário natural para os xiitas.

As outras tendências petistas que ultimamente já vinham demonstrando disposição de seguir a hegemonia da direção poderiam ficar e participar dessa reconstrução.

No discurso para fora, terá de haver um trabalho de recuperação do apoio daqueles que simplesmente se cansaram do discurso repetitivo e outro de conquista do jovem que não conheceu o partido em seus primórdios, não tendo, por isso, nenhum compromisso ou reverência àquilo tudo que Lula, o sindicalismo e o PT representaram para o país há duas décadas.

Um dos problemas graves, inclusive, é que o simbolismo se esgotou, dado que pertence a uma outra época, e o partido não construiu nada que substituísse aquela força como fator de mobilização. A prova desse esgotamento está na própria candidatura de Lula.

Havia alternativas a ela, mas acabou prevalecendo a certeza de que só haveria ganho político possível se o partido pudesse dispor do patrimônio eleitoral acumulado por Lula. Há quem discorde e acredite que talvez o partido ganhasse mais se apostasse numa outra candidatura à presidência – mesmo que não fosse para ganhar, mas pelo menos para arejar a imagem do partido –, enquanto Lula poderia ter sido candidato a deputado por São Paulo, puxando grande bancada, e Brizola fazendo o mesmo no Rio.

Fortalecida no Congresso, a oposição já começaria seu *day after* numa condição muito mais favorável para dialogar ou para se confrontar com o governo.

O caminho escolhido, no entanto, serviu para comprovar que o PT não tinha nada mais a oferecer além da mesma fórmula servida outras duas vezes. Como o país, seus cidadãos e expectativas mudaram – a despeito dos problemas que não teriam sido resolvidos –, foi inevitável a explicitação do vácuo entre um e outro.

É desse tema, da elaboração de um projeto político estratégico capaz de reinserir o PT na interlocução com a sociedade brasileira, que o partido tratará no dia seguinte à eleição.